

Emissora de rádio estimula invasões

D.F. - Invasão

O crescimento da favela na SQN 110 — que já avança no sentido da 111 — está sendo estimulado por uma emissora de rádio, — não identificada — que aconselha seus ouvintes e se muda para lá até que o Governo resolva o problema da moradia. O número de barracos cresce a cada dia. Os que aguardam oportunidade de levantá-los asseguram o espaço instalando-se em barracas. Bebados e doentes mentais se misturam a trabalhadores sem teto. Na área invadida já há uma chácara, cercada de arame farpado.

Como uma típica cidade do Oeste americano, a favela já conta com seus xerifes, prefeito, juiz, "saloons" e menestrelis. Os últimos cantam músicas sobre invasões que fizeram de seus ocupantes proprietários de lotes. Os moradores dos blocos vizinhos sentem-se ameaçados e já sofrem os efeitos de brigas e arruaças. A Terracap se omite quanto aos problemas, seus técnicos afirmam "não poder meter-se em casa alheia" já que a área pertence à João Fortes Engenharia. Os diretores da empresa estão fora de Brasília. A Secretaria de Serviços Sociais só intervirá se os favelados forem despejados.

ALICIAMENTO

Um dos favelados atraídos pelo programa de rádio, ele não se lembra da estação, foi o estofador Jadson Braz, que vivia com a mulher Valdivina e três filhos num fundo de lote do Gama, pagando Cz\$ 3 mil. Perdido o barraco no Gama, e não conseguindo alugar outro por ter família grande, decidiu seguir o conselho do animador que dizia "ser mole morar no Plano sem pagar". Mudou-se na última segunda-feira. Como ainda não teve tempo de erguer o barraco, instalou-se provisoriamente com a mulher em uma barraca de camping, comprada por Cz\$ 300.

Garantiu, assim, lote privilegiado, na entrada da favela e à beira da W-2. As crianças ficaram no Gama até que a casa esteja pronta. Valdivina indagava ontem em uma das broscas o

dia em que passa o caminhão do gás. Aproveitou para tomar café e comprar cigarro, não se importando de pagar ágio de Cz\$ 1,50, "melhor do que ter de subir uma quadra no rumo da W-3".

Outro a instalar-se na 110 Norte, "por ter ouvido no rádio que podia ir para lá", foi Joaquim Cardoso Lopes. Ele vive num barraco sem móveis, coberto por uma lona rota com seus filhos Welton, 6 anos, e Sandra, 4. Não tem mulher e sua mudança foi feita no domingo passado. Trôpego, embaralhando as pernas devido à bebida, espera ajuda das autoridades, "pois aquilo não é jeito de ninguém viver". Enquanto a ajuda não vem, embebeda-se numa birosca em companhia de João Neves de Castro, o poeta da favela, sob as vistas de Durval Oliveira Braga, "segurança", e Eliseu Eugênio, seu amigo.

AUTORIDADES

Durval faz questão de dizer que mora no Juizado de Menores, na 909 Norte, onde trabalha como motorista. Vai à favela apenas para visitar Eliseu e "garantir a segurança. O fato de "trabalhar no Juizado lhe dá esta responsabilidade". Além disso, "é irmão de um capitão do Exército". João Neves, 56 anos, mas aparentando 15 a mais, vive largado. Veio do Piauí em 1958 para trabalhar na construção da cidade.

Casou-se com Gerolina, indo morar na Vila do IAPI. Depois ganhou um lote na Cellândia mas vendeu o barraco que construiu e foi morar em Santo Antônio do Descoberto, levando seis filhos, um deles, Edigilson, paralítico. Gerolina o abandonou por "não agüentar tanta cachaca". Quando tentou uma reaproximação, a mulher mandou prendê-lo. João Neves diz que o pedido de prisão aconteceu por ter repreendido um marginal conhecido como Vasco "que tomou liberdade com Gerolina". Vasco acabou assassinado na Esplanada dos Ministérios. Cinco dias depois

foi a vez de Egilson, filho de João Neves, ser morto na Rodoviária.

Conta sua história fazendo rimas e desfia o "ABC da Vila IAPI, contando como seus moradores foram transferidos para lotes na Cellândia. Tendo quem soletre o abecedário, inicia os versos com a letra que foi dita, "não dando nem tempo de o puador acabar o nome". Gerolina diz que ele tem onde ficar, a casa de sua mãe em Dianópolis, Goiás.

Seria uma felicidade se João Neves fosse para lá, ao invés de ficar dando mau exemplo e envergonhando os filhos. E o pensamento da mulher, que mora na favela do Ceub, mas tira seu sustento vendendo bebidas e cigarros na 110 Norte. Sua birosca é festiva, com música de rádio, só perdendo para a concorrente onde João Neves faz seus versos.

JUIZ

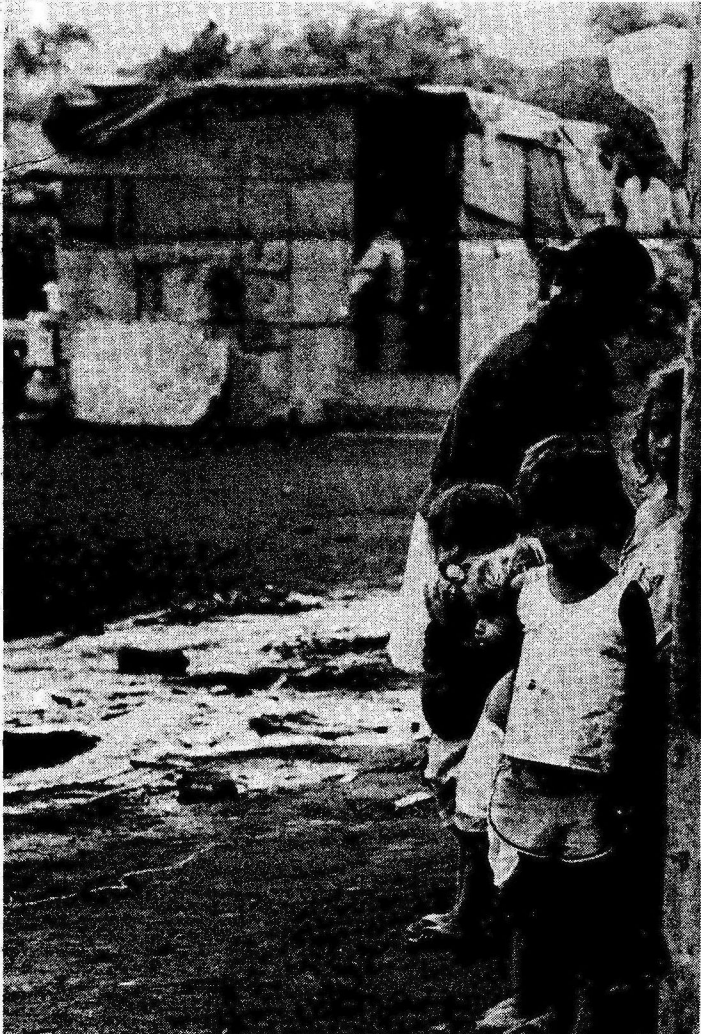
Depois de estar em Brasília há 10 anos, e com passagem por um girimpo no Pará em 85, Jabez Tibúrcio Pinto, natural de Niquelândia, montou seu barraco no último dia 1º. Com ele vivem seus pais José Tibúrcio, 78 anos e Ruth, 52. Para ele o pai "não merecia estar ali, já que foi Juiz de Paz, na Vila Alto Santa Helena, em Governador Valadares, Minas. Jabez foi servente. Agora sobrevive vendendo pipoca. Conseguiu instalar-se na favela graças a uma "Shis" que funciona próximo ao Elixinho. O assentamento é feito por pioneiros que chamam para o local os amigos que saibam não ter casa. Jabez diz que "sua Shis é melhor do que a do Sadi, pois não teve de enfrentar filas nem ir para o cadastro. Na área onde está seu barraco houve preocupação de levantar um próximo ao outro, pois os vizinhos se conhecem e não confiam na segurança do xerife Durval.

CHACARA

Quem vive isolado, mas confiante na condição de guarda do CNP, é Francisco Alves dos Anjos, que montou o barraco para a mulher Alzira e sete filhos na divisa com a 109 Norte. Fica depois da "chácara" do servente Elias Ribeiro da Silva, pai de oito filhos, o mais velho com 16 anos e o caçula de quatro meses. Há 10 meses na favela, atendeu pedido de sua mulher, Maria de Lourdes Vidal da Silva, que não queria "um monte de barracos por cima do seu". A solução foi cercá-lo com estacas e arame farpado, ocupando área de cerca de 40 x 40 metros. Pretende plantar no local, já que criar animais será perda de tempo. A vizinhança fatalmente roubará os bichos. Alzira diz que está chegando gente de todo tipo na favela e que na sexta-feira passada "quase saiu morte numa briga para os lados da 111". A decisão de cercar a área foi tomada naquele dia. Os pintos que ciscam no terreiro, juntamente com filhotes de pombo que Elizabeth, uma das filhas, alimenta no bico, são de "um irmão da igreja". Maria de Lourdes teve o cuidado de prender as duas galinhas, "também do irmão", senão elas iriam embora e virariam almoço de alguém.

A mulher pretende aproveitar a época de chuvas para iniciar o plantio. Não sabe se na época da seca os esgotos próximos continuarão jorrando da mesma forma. Seriam uma alternativa de irrigação. Por enquanto só fazem preocupar Marlizete Leitão da Silva, casada com o pipoqueiro José Ferreira, chegada na favela anteontem. Morava em Sobradinho com o sogro Sebastião Braz.

ADAUTO CRUZ



Cada dia que passa a favela da 110 Norte cresce mais